



## RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Entre letras e olhares: reflexões sobre o fazer pedagógico no PIBID Alfabetização*

Joice Rosario Correa Batista<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente relato descreve a experiência de uma bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no subprojeto de Alfabetização, realizada em 2025 em uma turma de 4º ano do ensino fundamental da rede pública. As ações envolveram a observação e execução de atividades que buscavam valorizar os saberes prévios dos estudantes e promover a autoria textual, como atividades de histórias em quadrinhos durante a Semana do Meio Ambiente, entre outras. A prática revelou tanto potencialidades quanto desafios, como a resistência de alguns estudantes à participação e dificuldades no processo de leitura e escrita. As reflexões apontam para a necessidade de estratégias pedagógicas que estimulem a curiosidade, respeitem ritmos de aprendizagem e fortaleçam o protagonismo dos educandos. Conclui-se que o PIBID constitui um espaço formativo essencial para a construção de um olhar crítico e sensível sobre o trabalho docente na alfabetização.

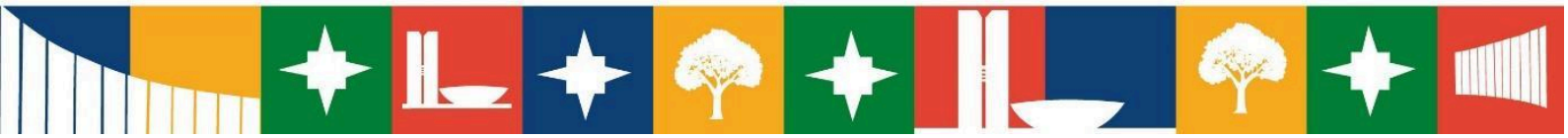
**Palavras-chave:** pibid, alfabetização, autoria, práticas pedagógicas, formação docente.

### INTRODUÇÃO

Este relato apresenta a experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no subprojeto de Alfabetização, realizado em 2025 na Escola Municipal Marcos Waldemar de Freitas Reis, situada na rede pública de ensino. A atuação se deu em uma turma de 4º ano do ensino fundamental, marcada pela heterogeneidade de saberes, ritmos de aprendizagem e formas de participação. O objetivo central é refletir sobre

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de XXXXX da Universidade Federal - UF, [autorprincipal@email.com](mailto:autorprincipal@email.com);





as práticas vivenciadas, as inquietações surgidas no processo e as implicações para a formação docente.

## METODOLOGIA

Neste período na escola vivenciei e experimentei mais da teoria dos estudiosos: Paulo freire, pedagogia da pergunta, pedagogia da autonomia, para vir a ser, questionando refletindo práticas nesta iniciação a docência onde agora tenho liberdade de elaborar junto com as demais bolsistas planos de aula que contemple o interesse das crianças a qual venho acompanhado no processo ensino aprendizagem, e romper com a ideia de uma educação bancária aproveitando sempre o cotidiano das crianças e incluindo elas no processo ensino aprendizagem como detentores do seu saber, pois vivem neste mundo e sociedade e trazem enraizados consigo suas concepções de mundo. onde elas com as experiências de mundo que já possuem, aprende em conjunto uma com as outras lerem a palavra mundo.

Em tempo algum pude ser um observador “acinzentada mente” imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizar-la e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele. (paulo freire pedagogia da autonomia p.9)

Pensando e elaborando planos de aula que possam colocar a criança no centro do processo ensino aprendizagem foi um desafio pois olhando para o passado carregado o peso de ter sido alfabetizada em um processo mecanizado e padronizado e refletir criticamente para romper com tudo que aprendi como certo e hoje vejo que está é uma visão equivocada, nem sempre é simples romper com as práticas tradicionais que ainda são realidade das escolas de educação básica e pública. Principalmente notei na turma gr5b, inicialmente observando com olhar atento acompanhei a professora Vanessa e sua prática como professora regente e os estudantes eram vistos como atrasados na leitura e escrita, o foco eram sobre o que lhes faltavam o que não sabiam fazer e as atividades além de mecanizadas isto é copiar atividade do quadro passar para o caderno principalmente português gramática e matemática resoluções, exercício de para casa copiar na lousa, não se tinha uma proposta para a real necessidade





dos estudantes que estavam no processo de ensino aprendizagem com certas dificuldades, enquanto bolsista que estava lá uma vez na semana via esta situação e ficava chocada como crianças avançam em ciclos sem decodificar leitura da palavra, e como auxiliar estas crianças a romper com a visão de si mesmo, para que posso ganhar confiança e se expressarem através das palavras mundo que possuem.

Havia uma preocupação constante em relação ao futuro dos estudantes, especialmente quanto à possibilidade de chegarem ao sexto ano sem reconhecer ou interpretar a letra cursiva, ou ainda serem novamente retidos. Essa inquietação era intensificada pelo fato de a turma já contar com um número expressivo de estudantes em situação de retenção. Essa é uma das questões mais delicadas no cotidiano escolar, pois, em muitos casos, é a criança quem mais sofre as consequências. Reter um estudante não resolve o problema quando o que está sendo ensinado não contribui efetivamente para sua aprendizagem. Por outro lado, a simples aprovação automática também não representa uma solução real.

Ademais, a pedagogia de Paulo Freire permanece como um farol iluminando os caminhos para a construção de uma educação verdadeiramente transformadora. Contudo, mais do que repetir seus conceitos, o grande desafio contemporâneo está em atualizá-los à luz das urgências que atravessam a educação básica brasileira. Como sustentar uma prática libertadora em salas superlotadas, diante da medicalização do sofrimento docente, da inclusão escolar sem a devida estrutura e da constante desvalorização do magistério? Essas questões exigem uma leitura crítica, sensível e engajada da realidade, capaz de articular teoria e prática

Freire ensinava que o educador precisa conhecer os saberes dos educandos, e isso só é possível quando há espaço real para ouvir e acolher. Em turmas numerosas e com carga horária reduzida, o tempo se torna inimigo da prática freiriana. Ainda assim, é nesse contexto adverso que a escuta ativa se torna uma forma de resistência e de compromisso com a humanização do ensino.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Durante o período de atuação, procurei planejar e executar atividades que valorizassem os saberes prévios dos estudantes e conectassem os conteúdos escolares às suas realidades





alinham com os estudos de paulo freire uma pedagogia da autonomia e valorização dos saberes dos educandos. Uma das experiências significativas ocorreu na Semana do Meio Ambiente, quando propus uma atividade de autoria com quadrinhos relacionados a ações de preservação ambiental. As crianças foram convidadas a criar narrativas a partir das imagens, adaptando-as livremente. Apesar da proposta aberta, surgiram questionamentos como: “Tia, o que é para fazer?” e “Eu não sei escrever isso...”. Essas falas expuseram fragilidades no processo de letramento e evidenciaram como a insegurança diante da escrita pode limitar a expressão autoral. Curiosamente, mesmo partindo das mesmas imagens, cada história produzida trazia interpretações singulares, revelando a importância da leitura de mundo na construção textual.

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico (paulo freire pedagogia da autonomia p.19)

Isso nos leva a refletir sobre a realidade do trabalho e as práticas do professor na educação básica. Ao longo dos anos, tanto as escolas quanto o corpo estudantil vêm passando por transformações, e, diante dessas mudanças, as práticas cotidianas precisam ser renovadas para não se tornarem obsoletas. A tecnologia, por exemplo, é um recurso que deve ser utilizado com sabedoria pelo educador, de modo a potencializar a aprendizagem. No entanto, infelizmente, no que diz respeito aos recursos tecnológicos, há uma carência significativa: faltam materiais didáticos atualizados, e muitos equipamentos antigos apresentam problemas, como ausência de som, imagem comprometida ou conexão de internet instável.

É fundamental também abordar as condições de trabalho da classe docente. Não se trata de justificar o professor, pois a ética e a responsabilidade são indispensáveis, contudo, essa categoria enfrenta um sucateamento crescente no governo capitalista, com salários baixos que frequentemente obrigam o professor a acumular mais de uma matrícula. Essa situação impacta diretamente sua atuação profissional. Embora a ética profissional deva ser preservada, é importante reconhecer que somos seres humanos sobrecarregados, o que dificulta o desempenho ideal necessário para oferecer às crianças da classe trabalhadora a educação transformadora que elas merecem, capaz de romper com o modelo tradicional da “educação





bancária” tão enraizado na educação básica. Essas questões precisam estar em destaque na mídia, pois a melhoria das condições de trabalho dos docentes refletirá diretamente na qualidade do ensino oferecido às crianças das classes trabalhadoras.

Falar em educação libertadora, hoje, parece mais urgente do que nunca. Mas será suficiente apenas repetir Paulo Freire? Como aplicar sua pedagogia em um cenário tão complexo e real das escolas brasileiras atuais? Salas superlotadas, ausência de estrutura, professores adoecendo e uma crescente desvalorização profissional — como enfrentar tudo isso sem uma atualização profunda dessas ideias, formação continuada? Que caminhos ainda restam para transformar essa realidade? Como prosseguir esperando?

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Essa experiência reforçou a percepção de que alfabetizar não se limita à decodificação da escrita, mas envolve criar condições para que o estudante se reconheça como autor e produtor de sentidos. No entanto, fica a indagação: como promover a autoria em um contexto escolar que, muitas vezes, valoriza mais o acerto formal do que o processo criativo?

O PIBID se mostrou um espaço privilegiado para experimentar, errar, ajustar e compreender, na prática, as complexidades do trabalho pedagógico. As vivências em sala de aula ampliaram minha consciência sobre a necessidade de uma escuta atenta, de metodologias que respeitem ritmos e de estratégias que estimulem a participação ativa, especialmente daqueles que se mantêm à margem das atividades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir, esta relato de experiência de iniciação a docência na educação básica, no PIBID 2025, tem sido enriquecedora a oportunidade de conhecer a realidade das crianças, o chão da escola pública a qual precisa ser defendida, a conversa a troca, o exercício de praticar um docência alinhada com meus estudos na universidade na graduação de pedagogia, e de sempre colocar as crianças no centro do processo ensino aprendizagem, pois não existe





educador sem discentes, respeitar o lugar de fala, aprender com eles, suas palavras mundos , compreender suas linguagem , a forma que melhor aprendem, suas curiosidades.

Ao analisarmos os estudiosos da educação, trazendo para atualidade, pode-se dizer que temos uma forma de ensino em que há todo um incentivo para que haja um diálogo nas salas de aula, mas devemos considerar as dificuldades que os educadores enfrentam no exercício do magistério , tendo conhecimento que uma educação dialógica é também uma forma de educar que muitas vezes os educando não colaboram, e por isso se torna uma tarefa árdua mais é sobre isto, porém é uma proposta de grande importância para o sistema educacional, pois gera autonomia , e assim para concluir devemos buscar melhorias para a educação com propósito de uma melhor formação ética e cidadã das crianças.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. A pedagogia da pergunta. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O menino que lia o mundo. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

